

Jornalismo móvel e novas formas de produzir conteúdo jornalístico

Luis Pedro Rodrigues¹, Vania Baldi², Adelino Gala³

Resumo. O artigo foi desenvolvido no escopo do projeto *Erasmus+ PagES* e tem como objetivo central investigar o jornalismo móvel enquanto nova técnica jornalística, destacando três características: agilidade, flexibilidade e acessibilidade. As hipóteses são de que o jornalista móvel é capaz de produzir conteúdo jornalístico de forma rápida, incluindo uma maior variedade de formatos, além de ter seu acesso facilitado aos locais mais afastados e aos personagens para as entrevistas. A investigação também abrange a relação do uso do *smartphone* com a individualização do trabalho do jornalista, uma vez que possibilita que todo o ciclo da produção de notícias – produção, edição e distribuição – seja realizado em apenas um dispositivo móvel, e a adequação desta técnica jornalística às exigências atuais por narrativas mais interativas com o público, que se desenvolvem em mídias variadas. Com este fim, foi realizada uma pesquisa exploratória, através de um questionário *online*, que obteve 53 respostas, para avaliar a percepção dos próprios jornalistas móveis e aferir o grau de concordância ou de discordância em relação às hipóteses. E o seu resultado se mostrou favorável.

Palavras-chave: Comunicação digital, jornalismo móvel, *smartphone*.

1 Jornalismo móvel

O jornalista, na função de repórter, sempre precisou ter mobilidade para ir atrás da informação. Entrevistar, filmar, relatar, fotografar são algumas dessas tarefas que exigem deslocamento ao local do fato noticioso.

1 Universidade de Aveiro, Aveiro 3810 193, Portugal. luispedrorr@ua.pt

2 Universidade de Aveiro, Aveiro 3810 193, Portugal. vbaldi@ua.pt

3 Universidade de Aveiro, Aveiro 3810 193, Portugal. adelinogala@gmail.com

A recente produção de notícias a partir de um dispositivo móvel como o *smartphone*, que incorpora aspetos dos aparatos anteriores em um dispositivo computacional, conectado em redes digitais e de fácil manuseio e transporte, tem transformado a área do jornalismo por conseguir ampliar essa mobilidade. E estabelece uma nova vertente: o jornalismo móvel, também conhecido como *mojo* (abreviação do nome inglês *mobile journalism*) (Karhunen, 2017; López-García, Silva-Rodríguez, Vizoso-García, Westlund, & Canavilhas, 2019; Quinn, 2009; Satuf, 2015; Silva, 2013).

Como define o professor de jornalismo Ivan Satuf: “jornalismo móvel é um conjunto de práticas de produção, edição, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos em dispositivos portáteis digitais” (2015, p. 444), utilizando-se da definição de Juan Miguel Aguado e Inmaculada José Martínez de que esses dispositivos são aqueles que dispõem uma conexão ubíqua, de serviços personalizados ao usuário, e capazes de lidar com formatos de outros meios de comunicação (Aguado e Martínez, 2008, citado por Satuf, 2015).

Então, pode se considerar o *mojo* como uma nova técnica jornalística – ainda em evolução – na qual o profissional aproveita o conjunto de funções de um dispositivo móvel para produzir o conteúdo noticioso em formatos diferentes (texto, áudio, foto, vídeo, infográfico), editá-lo e distribuí-lo. Já o termo jornalista móvel (na tradução de *mobile journalist*) designa o profissional que desenvolve essa técnica.

Desde artigos científicos (López-García, Silva-Rodríguez, Vizoso-García, Westlund, & Canavilhas, 2019; Satuf, 2015) às matérias explicativas sobre o *mojo* (*All About Mobile Journalism*, s.d.; *Understanding mobile journalism*, 2018), há em muitos casos o destaque das vantagens de se trabalhar com o *smartphone* em comparação com os equipamentos tradicionais. Esse artigo seleciona três características que aparecem nas leituras sobre o *mojo* e analisa-as. A primeira delas é a agilidade, identificada pelo professor e jornalista Stephen Quinn (2009) como uma característica promissora para o jornalismo do século XXI. A agilidade também aparece na matéria sobre *mojo* da empresa de acessórios para celular *Shouderpod*: “seja o primeiro a transmitir notícias de última hora ou eventos”⁴ («All About Mobile Journalism», 2018, tradução nossa). A segunda característica é a flexibilidade, exemplificada nos relatos de trabalho multimídia do jornalista móvel da *BBC* Dougal Shaw em que descreve a produção de conteúdos para os canais de televisão, rádio, *Youtube* e *Facebook* da empresa (Shaw, 2018; Urlbauer, 2019). E a terceira característica é a acessibilidade, discutida tanto no manual sobre *mojo* do *Al Jazeera Media Institute* como na investigação do jornalista Panu Karhunen (2017) para o *Reuters Institute for the Study of*

4 Matéria disponível em <http://www.shoulderpod.com/mobile-journalism>. Acedido em out. 2019.

Journalism: “os jornalistas se aproximam mais da história e do personagem, trabalhando sozinhos, com um *smartphone*” (2017, p. 48, tradução nossa).

2 Aspectos do *mojo*

Há mais de dez anos, o jornalista e professor Stephen Quinn definiu como “quase ficção científica” (2009, p. 8, tradução nossa) as novidades do *mojo*, após descrever uma cobertura jornalística pioneira que aconteceu na cidade de Albuquerque, Estados Unidos, para a emissora de televisão local KOB-TV. O repórter Jeremy Jojola e seu produtor, ambos responsáveis pela reportagem, utilizaram apenas um *iPhone* e o aplicativo *Qik* para a transmissão ao vivo de um evento na cidade, dispensando, assim, os dispendiosos carros satélites, tripés, câmeras de transmissão e cabos. Em entrevista posterior à reportagem (Tompkins, 2009), Jojola admitiu que teve problemas com a qualidade do áudio durante a transmissão, por não ter usado um microfone externo nem ter considerado os ruídos do ambiente.

Hoje, os jornalistas móveis contam com uma gama de acessórios e *softwares* que otimizam às funcionalidades do *smartphone*, e cada profissional compõe o seu *mojo kit* de acordo com as suas necessidades, sendo os principais itens: estabilizador, microfone, luz e bateria externa (*All About Mobile Journalism*, s.d.). Sobre os *softwares*, há muitas opções, tanto para melhorar o controle manual da câmera do aparelho como para editar e finalizar o material («Recommended apps», 2018).

Todavia, é importante que o conjunto de acessórios escolhidos pelo jornalista móvel não comprometa a sua agilidade para se deslocar no trabalho de campo ou para registrar um evento inesperado. Um dos objetivos de se trabalhar com o *mojo kit* é, justamente, ser mais ágil do que os profissionais que carregam equipamentos grandes e pesados. Para este fim, o jornalista da *BBC* Dougal Shaw advertiu que o ideal é quando todos os equipamentos cabem juntos em uma mochila pequena. Ele considerou ser “tão ágil quanto um jornalista de rádio”⁵ (Shaw, 2018, tradução nossa), durante a sua experiência de “*mojo diet*”, período em que trocou as bagagens grandes e pesadas, onde guardava câmeras, lentes e tripés, por uma bolsa pequena, capaz de guardar um *rig* (equipamento de estabilização do celular) e um microfone *shotgun*.

É comum que os jornalistas móveis trabalhem com a produção de mais de um tipo de formato de notícia. Como referem os professores Justin Blankenship e Daniel Riffle, após uma investigação sobre o trabalho individualizado nas televisões locais

5 Matéria disponível em <https://www.bbc.co.uk/blogs/academy/entries/7bd621af-5e57-47a5-a809-5463baa4f53b..> Acedido em out. 2019.

dos Estados Unidos, esses profissionais são “frequentemente, exigidos a recolher informação, conduzir entrevistas, escrever depoimentos, gravar material em áudio e vídeo, e depois editar tudo isso em uma narrativa de reportagem, sozinhos” (2019, p. 1, tradução nossa). Essa flexibilidade para trabalhar sozinho com vários formatos de notícia, com qualidade profissional, só é possível graças ao aprimoramento tecnológico dos *smartphones*. Como aponta o professor dos estudos de mídia Henry Jenkins, as alterações no ambiente midiático e de consumo do século XXI estão associadas à convergência tecnológica, que nada mais é do que a capacidade de “combinação de funções dentro do mesmo aparelho tecnológico” (2006, p. 293, tradução nossa).

Em sua descrição da experiência de “*mojo diet*”, Dougal Shaw ilustra bem a flexibilidade que tem quando trabalha com o *smartphone* e a importância de produzir notícias em diferentes formatos e distribuí-la em diferentes plataformas. Também percebe-se que realiza, no mínimo, o trabalho de repórter, vídeo jornalista e editor.

Meu jeito de contar uma história é ir até o local e gravar tudo o que posso com meu celular. Gravo em vídeo e com isso também tenho o áudio registrado. Então decido em que plataformas diferentes vou publicar essa história, porque trabalho com jornalismo multimídia. De que jeito vai funcionar melhor? Eu costumo fazer uma versão para rádio da entrevista que fiz. Depois produzo um vídeo, e se o assunto só render dois minutos, funcionará para o Facebook. Faço também uma reportagem para televisão porque eles usam vídeos de apenas dois minutos. Se me aprofundar um pouco mais no assunto, o material pode tornar-se um vídeo para o Youtube de cinco ou seis minutos. Talvez na BBC News haja algum outro formato de televisão que use vídeos mais longos. Tudo depende da história.⁶ (Urlbauer, 2019, tradução nossa)

Às duas características do *mojo* discutidas até aqui: a agilidade na produção e na locomoção do jornalista e a flexibilidade na produção de formatos diferentes de notícia, soma-se a acessibilidade. O pesquisador Panu Karhunen divide-a em dois tipos: o “acesso físico e geográfico” (2017, p. 17, tradução nossa), uma vez que o peso e o tamanho reduzidos dos *smartphones* facilitam o seu transporte e manuseio e, conseqüentemente, o trabalho do jornalista móvel em locais mais distantes ou de difícil acesso; e o “acesso psicológico e às interações sociais” (2017, p. 23, tradução nossa), devido a percepção dos próprios jornalistas móveis de que as entrevistas com o *smartphone* são menos intrusivas e mais fáceis de conduzir.

6 Entrevista disponível em <https://thewholestory.solutionsjournalism.org/how-solutions-journalism-gave-dougal-shaw-a-beat-e696906da63e>. Acedido em nov. 2019.

Outro fator decisivo para a acessibilidade do jornalista móvel é a discrição, principalmente, em áreas de conflito ou crise⁷. Um jornalista da *Al Jazeera* se disfarçou de civil e usou apenas um *smartphone* para gravar o documentário *Syria: Songs of Defiance*⁸, que documenta a guerra que se iniciou na Síria em 2011. Na época, o governo de Bashar al-Assad havia proibido que os jornalistas da empresa de mídia do Catar trabalhassem no país. Como referem os jornalistas Diana Maccise e Montaser Marai: “usando um *smartphone*, o jornalista disfarçado foi capaz de coletar imagens que o mundo, caso contrário, não conseguiria ver” (2017, p. 9, tradução nossa).

Mas, para além de uma reflexão dedutiva acerca desses três aspetos principais do *mojo*, o que uma pesquisa empírica nos diria para confirmar ou refutar essas premissas?

3 Metodologia de análise

Esse trabalho tem em si uma natureza exploratória (Gil, 2008), no sentido de desenvolver e esclarecer conceitos e ideias acerca de uma técnica jornalística, o *mojo*, que ainda não está firmemente estabelecida como subárea dos estudos de jornalismo. Como concluíram os professores López-García et al. (2019) em seu trabalho de revisão sistemática da literatura: “o fenômeno do jornalismo móvel ainda não foi conceitualizado por unanimidade na Academia” (2019, p. 10, tradução nossa). Ou seja, carece de mais trabalhos de investigação e que os temas, conceitos, objetos e métodos sejam legitimados pelos “pares-concorrentes”, como discutiu Pierre Bourdieu (1983) em seu ensaio sobre a construção de um campo científico.

Com o intuito de dar alguma substância empírica a esta exploração, realizou-se um questionário, como instrumento de recolha de dados, para aferir o grau de percepção dos próprios jornalistas móveis em relação às características de agilidade, flexibilidade e acessibilidade, através de uma escala entre concordância total e discordância total. A intenção é avaliar, pelos dados gerados da pesquisa, se as qualidades destacadas se confirmam na realidade do trabalho de campo do jornalista móvel ou não, e gerar pistas que identifiquem áreas nas quais o *mojo* pode evoluir.

7 O número de jornalistas mortos em trabalho em 2019 foi o menor registrado desde que o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) passou a monitorar essas ocorrências, há 17 anos. Foram, no mínimo, 25 mortes em 2019, e a Síria e o México foram os países com maior número de casos. O relatório, lançado anualmente pela organização, considera as mortes de jornalistas ocorridas “em represália direta por seu trabalho; por fogo cruzado relacionado a combate; ou enquanto realizava uma cobertura perigosa”. Disponível em <https://cpj.org/pt/2019/12/siria-e-mexico-foram-os-paises-mais-letais-para-jo.php>. Acedido em jan. 2020.

8 Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VnvPXspjLtU>. Acedido em fev. 2020.

O questionário foi organizado em seções, de forma sucinta, e com o seguinte fluxo de questões de múltipla escolha (Stockemer, 2018): uma pergunta para garantir que os participantes disponibilizavam seus dados de maneira voluntária; uma pergunta filtro para verificar se já tinham tido alguma experiência com o *mojo*; quatro perguntas de identificação, sobre a idade, o gênero, os anos de profissão e o país onde trabalham; e 12 questões relacionadas ao *mojo*, quatro para cada característica.

As opções de respostas, por sua vez, foram organizadas em uma escala com seis valores, que vão do “discordo totalmente” ao “concordo totalmente”, de maneira que os valores um, dois e três formam o seguimento de discordância à questão (em diferentes níveis), e os valores quatro, cinco e seis fazem o mesmo para a opinião de concordância. Não foi utilizado um valor neutro nem concordando nem discordando, que corresponde a uma opção no meio da escala (Stockemer, 2018), com a justificativa de que os participantes que passam da pergunta filtro são todos jornalistas que já tiveram alguma experiência com o *mojo* e que, por isso, são capazes de assumir uma posição de concordância ou de discordância em cada questão.

A população-alvo foi constituída pelos jornalistas que usam os dispositivos móveis, em especial, o *smartphone*, como ferramenta de trabalho. Porém, esta população-alvo tem uma particularidade: ela não é homogênea. Muitos profissionais utilizam o *smartphone* para produzirem conteúdo jornalístico e desenvolvem a técnica do *mojo* na rotina de trabalho, mas nem todos se autodefinem como jornalistas móveis ou sequer sabem o que é *mojo*.

Tendo isto em conta, buscou-se ambientes que se constituíssem como um conjunto uniforme de jornalistas móveis e que fossem acessíveis à pesquisa. O primeiro foi o grupo de *Facebook* “#mojofest community Where the global Mojo Community meet and share”⁹. O grupo serve para a discussão de assuntos técnicos e teóricos sobre o *mojo* e contava com 6.177 membros no dia 16 de março de 2020. O segundo conjunto de jornalistas móveis baseou-se em uma lista¹⁰ com 55 nomes de especialistas e formadores de *mojo* de cinco continentes diferentes. A lista está disponível no *website* da empresa de acessórios para *smartphone* *Shouderpod* e contava com os *e-mails* da maioria deles.

Por fim, o questionário foi publicado na plataforma do *Google Forms* e passou por uma fase de teste para avaliar a sua inteligibilidade e a sua fluidez (Stockemer, 2018). O *link* para o questionário *online* foi divulgado em uma publicação no grupo de *Facebook*, explicando o objetivo da pesquisa e identificando o investigador. Já para a lista de especialistas, o contato foi feito, individualmente, via *e-mail*.

9 Disponível em <https://www.facebook.com/groups/mojofest/>. Acedido em jan. 2020.

10 Disponível em <https://www.shoulderpod.com/the-mobile-trainers-world-catalogue>. Acedido em jan. 2020.

Obteve-se 55 respostas, sendo 53 válidas (duas delas não passaram pela pergunta filtro). O período de recolha de dados foi de 16 de março de 2020 até 28 de abril do mesmo ano. Os dados foram tratados no *software IBM SPSS Statistics 20*.

4 Análise dos dados

De forma geral, os participantes do questionário confirmaram as três hipóteses da pesquisa, sobre as características do *mojo* de agilidade, flexibilidade e acessibilidade. A grande maioria concordou em algum nível com as afirmações referentes a essas qualidades. Todavia, é preciso um aprofundamento maior na análise descritiva dos dados levantados.

A amostra de 53 indivíduos é composta de 45 homens e oito mulheres, de 24 nacionalidades diferentes, sendo o Reino Unido e os Estados Unidos os países com o maior número de representantes, sete respostas de cada país. As idades variam de 21 a 66 anos, com mais da metade da amostra (29 respostas) tendo mais de 20 anos de experiência como jornalista. Sobre a variedade dos formatos de notícia, 46 pessoas responderam que trabalham com mais de um tipo, sendo o vídeo o principal deles, produzido por 52 indivíduos da amostra; depois é a foto com 40 respostas, o áudio com 30, o *live broadcast* com 29, e o texto com 24; os conteúdos jornalísticos em *podcast* e vídeo 360° também foram lembrados no campo de resposta “outros”, cada um por uma pessoa. Ademais, a resposta que combinava todas as opções de formatos foi a mais dada, aparecendo 12 vezes. Esses resultados corroboram a hipótese de que o jornalista móvel é o tipo de profissional capaz de trabalhar com vários formatos de notícia.

No aspeto da agilidade durante o ciclo de produção de notícias, a grande maioria dos participantes optaram pelo seguimento de concordância com as questões, o que quer dizer que na escala de seis valores, polarizada entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”, ela escolheu um dos três valores de concordância (quatro, cinco ou seis). Isso se deu para o ganho de agilidade na produção (51 respostas), edição (48 respostas) e distribuição (51 respostas) dos conteúdos jornalísticos, quando o profissional trabalha com o *mojo kit*. A alta concordância da amostra em relação à agilidade nas etapas de produção e distribuição pode ser explicadas pela adequação do *smartphone* como a ferramenta do registro instantâneo e de sua capacidade de ubiquidade, com conexão à Internet disponível a qualquer hora, em qualquer lugar. Já a queda da concordância na etapa de edição pode ter a ver com os ecrãs pequenos dos *smartphones* e pelo sistema *touchscreen*, que dificultam a precisão dos cortes na edição de vídeos e áudios.

A taxa de concordância permaneceu alta (48 respostas no seguimento de concordância) no que se refere ao ganho de agilidade do jornalista no trabalho de campo, quando usa o *mojo kit*. Porém, essa questão teve uma resposta de “discordo totalmente”.

Como foi discutido, a locomoção do jornalista é mais rápida quando consegue carregar todos os equipamentos de que precisa em uma bolsa pequena e leve.

No quesito flexibilidade, 50 pessoas optaram pelo seguimento de concordância na questão “você tem boa flexibilidade para produzir diferentes formatos de notícias quando trabalha com o *mojo kit*”, sendo 36 respostas de concordância total. Porém, esse otimismo não se repetiu quando a afirmação teve a ver com a qualidade do material produzido. Dez indivíduos optaram pelo seguimento de discordância na questão “os acessórios para *smartphone* permitem ao jornalista produzir conteúdo jornalístico com a mesma qualidade das câmeras e dos equipamentos profissionais”. Da mesma forma, dez inqueridos escolheram o segmento de discordância na questão “os aplicativos para *smartphone* permitem ao jornalista produzir conteúdo jornalístico com igual qualidade de um computador pessoal”. Esses números indicam que, embora o *smartphone* permita ao jornalista móvel trabalhar com vários formatos de notícia, a qualidade do material, às vezes, pode ser inferior do que é produzido com os equipamentos profissionais.

Na seção seguinte, sobre a acessibilidade física e geográfica, 50 jornalistas colocaram-se no seguimento de concordância na questão “você pode trabalhar em todas as etapas do ciclo de produção de notícias (produção, edição e distribuição), distante da redação, usando apenas o *mojo kit*”. O mesmo aconteceu na afirmativa “o uso do *mojo kit* facilita o trabalho em áreas de difícil acesso (áreas de conflito, desastres naturais e crises humanitárias)”, com o número igual de respostas no seguimento de concordância. Esses resultados confirmam a percepção de que o *mojo* é uma técnica jornalística adequada para o trabalho de campo em áreas de conflito (Maccise & Marai, 2017), onde a acessibilidade e a segurança do jornalista dependem de fatores como autonomia e discrição.

No que se refere à acessibilidade interpessoal, ou seja, entre o jornalista móvel e entrevistado, a maioria (51 respostas) concorda em algum nível com a afirmativa “o jornalista consegue entrevistar as pessoas no dia-a-dia de forma mais fácil quando trabalha com um *mojo kit*”, enquanto para a questão “o jornalista consegue entrevistar autoridades (política, artística, científica) de forma mais fácil quando trabalha com um *mojo kit*”, o número de respostas no segmento de discordância aumenta para 11. Dessa forma, os dados confirmam a argumento do pesquisador Panu Karhunen (2017), de que as entrevistas com o *mojo kit* são menos intrusivas para as pessoas comuns, porque o *smartphone* é um aparelho menor do que as câmeras profissionais e um item ordinário para a maioria delas; contudo podem ser motivo de desconfiança para os entrevistados acostumados às grandes produções.

5 Conclusão

Pode-se concluir, fundamentando-se nas leituras teóricas e na pesquisa empírica e exploratória, que o perfil do jornalista móvel é o do profissional capaz de produzir conteúdo jornalístico de forma mais rápida, incluindo uma maior variedade de formatos, além de ter seu acesso facilitado aos locais mais afastados e aos personagens para as entrevistas. Dessa forma, entende-se o *mojo* como a radicalização da mobilidade no jornalismo, uma vez que todo o ciclo de produção de notícia é realizado de forma autônoma pelo jornalista móvel e distante da redação de jornal. Todavia, para além das premissas dedutivas, a pesquisa empírica apontou que o *mojo* tem necessidade e espaço para investir e avançar na qualidade dos materiais que têm produzido.

Conclui-se, também, que o *mojo* e as características de agilidade, flexibilidade e acessibilidade são um reflexo dos aspectos do jornalismo no século XXI, de redução das redações de jornal (Marshall, 2008), do crescimento do jornalismo digital (Newman, Fletcher, Kalogeropoulos, & Nielsen, 2019) e da preferência do mercado de trabalho por profissionais que saibam lidar com multitarefas (Blankenship & Riffe, 2019). Además, o *mojo* manifesta a tendência de que o trabalho do jornalista vem ser tornando mais individualizado e a sua produção voltada para a *web*.

Por fim, é importante notar que essas mudanças são controversas e evidenciam, para alguns, a precarização da profissão. Enquanto há aqueles que acreditam que elas são um “próximo passo em um ambiente tecnológico em rápida mudança que permite mais flexibilidade e elimina posições desnecessárias” (Blankenship & Riffe, 2019, p. 2, tradução nossa), outros denunciam que “ao pedir a uma única pessoa que assuma a responsabilidade de várias outras, a qualidade do jornalismo produzido irá sofrer, inevitavelmente” (Blankenship & Riffe, 2019, p. 2, tradução nossa).

Referências

- All About Mobile Journalism, <http://www.shoulderpod.com/mobile-journalism>. SHOULDERPOD, acessado a 2019/10/14.
- Blankenship, J. C., & Riffe, D. (2019). Follow the Leader?: Optimism and Efficacy on Solo Journalism of Local Television Journalists and News Directors. *Journalism Practice*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1695535>.
- Bourdieu, P. (1983). O Campo Científico. In: R. ORTIZ (ed.), *Coleção Grandes Cientistas Sociais* (Número 39, pp. 122–155). São Paulo: Ática.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6.a ed.). São Paulo: Atlas.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press.

- Karhunen, P. (2017). Closer to the Story? Accessibility and Mobile Journalism. Reuters Institute for the Study of Journalism. [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-09/Karhunen%2C Accessibility and Mobile Journalism.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-09/Karhunen%2C%20Accessibility%20and%20Mobile%20Journalism.pdf), acedido a 2019/12/13.
- López-García, X., Silva-Rodríguez, A., Vizoso-García, Á. A., Westlund, O., & Canavilhas, J. (2019). Mobile journalism: Systematic literature review. *Comunicar*, 27(59), 09–18. <https://doi.org/10.3916/C59-2019-01>.
- Maccise, D. L., & Marai, M. (2017). Mobile Journalism. Al Jazeera Media Training and Development Centre. https://institute.aljazeera.net/sites/default/files/2018/mobile_journalism_english.pdf, acedido a 2020-01-08.
- Marshall, T. (2008). The Changing Newsroom. Pew Research Center. <https://www.journalism.org/2008/07/21/the-changing-newsroom-2/>, acedido a 2019-12-27.
- Newman, N., Fletcher, R., Kalogeropoulos, A., & Nielsen, R. K. (2019). Digital News Report 2019. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2619576>.
- Quinn, S. (2009). MoJo - Mobile Journalism in the Asian Region. Singapore: Konrad-Adenauer-Stiftung. https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=2ebb1384-171b-62a5-ec97-839b69978b97&groupId=252038.
- Recommended apps (2018), <http://www.mojo-manual.org/mojo-manual-apps/>. Mobile Journalism Manual, acedido a 2019/10/14.
- Satuf, I. (2015). Jornalismo móvel: da prática à investigação académica. In: J. Canavilhas & I. Satuf (eds.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo* (pp. 441–468). Covilhã: LabCom.
- Shaw, D. (2018). My Mojo Diet: Two years on. BBC Academy Blog. <https://www.bbc.co.uk/blogs/academy/entries/7bd621af-5e57-47a5-a809-5463baa4f53b>, acedido a 2019/10/14.
- Silva, F. F. da. (2013). Jornalismo Móvel Digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo [Universidade Federal da Bahia]. http://repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/13011/1/Fernando_FIRMINO_da_Silva.pdf.
- Stockemer, D. (2018). *Quantitative Methods for the Social Sciences*. Cham: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-99118-4>.
- Tompkins, A. (2009). New Mexico Reporter Uses iPhone & Qik to Broadcast Live Story. Poyter. <https://www.poynter.org/reporting-editing/2009/new-mexico-reporter-uses-iphone-qik-to-broadcast-live-story/>
- Understanding mobile journalism*. (2018). Mobile Journalism Manual. <http://www.mojo-manual.org/understanding-mobile-journalism/>, acedido a 2020/01/20.
- Urlbauer, L. (2019). How Solutions Journalism gave BBC's Dougal Shaw a beat. The Whole Story. <https://thewholestory.solutionsjournalism.org/how-solutions-journalism-gave-dougal-shaw-a-beat-e696906da63e>, acedido a 2019/11/27.